

□ Tempo de leitura: 8 min.

Nino Baglieri nasceu em Mó dica Alta em 1º de maio de 1951, filho de mamãe Josefa e do papai Pedro. Com apenas quatro dias de vida, foi batizado na Paróquia de Santo Antônio de Pádua. Cresceu como muitos garotos, com um grupo de amigos, algumas dificuldades durante os anos de escola e o sonho de um futuro marcado pelo trabalho e pela possibilidade de formar uma família.

Poucos dias depois de seu aniversário de dezessete anos, comemorado à beira-mar com amigos, em 6 de maio de 1968, dia da memória litúrgica de São Domingos Sávio, durante um dia de trabalho normal como pedreiro, Nino caiu 17 metros quando desabou o andaime do prédio – não muito longe de casa – no qual estava trabalhando: 17 metros, como Nino aponta em seu Diário, “1 metro para cada ano de vida”. “Meu estado de saúde”, conta ele, “era tão grave que os médicos esperavam minha morte a qualquer momento (até recebi a unção dos enfermos). [Um médico] fez uma proposta inusitada aos meus pais: ‘se o seu filho conseguisse superar esses momentos, o que seria apenas o resultado de um milagre, seu destino seria passar a vida em uma cama; se vocês acreditarem, com uma punção letal, vocês e ele serão poupados de tanto sofrimento’. “Se Deus o quiser consigo”, respondeu minha mãe, “leve-o; mas se ele o deixar viver, ficarei feliz em cuidar dele pelo resto da vida”. Assim, minha mãe, que sempre foi uma mulher de muita fé e coragem, abriu os braços e o coração e foi a primeira a abraçar a cruz”.

Nino também enfrentará anos difíceis de peregrinação em diferentes hospitais, onde terapias e operações dolorosas o testarão duramente, não resultando na recuperação desejada. Ele permanecerá tetraplégico pelo resto de sua vida.

Ao voltar para casa, acompanhado pelo afeto de sua família e pelo sacrifício heroico de sua mãe, que está sempre ao seu lado, Nino Baglieri encontra o olhar de amigos e conhecidos, mas com muita frequência vê neles uma pena que o perturba: “mischinu poviru Ninuzzu...” (“pobre coitado do Nino...”). Assim, ele acaba se fechando em si mesmo, em dez anos dolorosos de solidão e raiva. Foram anos de desespero e blasfêmia pela não aceitação de seu estado e de perguntas como: “Por que tudo isso aconteceu comigo?”

O ponto de virada ocorreu em 24 de março de 1978, véspera da Anunciação e – naquele ano – Sexta-feira Santa: um padre da Renovação no Espírito Santo foi visitá-lo com algumas pessoas e eles oraram por ele. Naquela manhã, Nino, ainda acamado, pediu à sua mãe que o vestisse: “Se o Senhor me curar, não ficarei nu na frente das pessoas”. Lemos em seu diário: “Padre Aldo começou imediatamente a oração; eu estava ansioso e animado; ele colocou as mãos sobre minha cabeça; eu

não entendia esse gesto; ele começou a invocar o Espírito Santo para que descesse sobre mim. Depois de alguns minutos, sob a imposição das mãos, senti um grande calor em todo o meu corpo, um grande formigamento, como se uma nova força entrasse em mim, uma força regeneradora, uma força viva, e algo antigo saísse. O Espírito Santo havia descido sobre mim; com poder ele entrou em meu coração; foi uma efusão de amor e vida; naquele instante aceitei a cruz, disse meu sim a Jesus e renasci para uma nova vida; tornei-me um novo homem, com um novo coração; todo o desespero de 10 anos se apagou em poucos segundos; meu coração se encheu de uma alegria nova e verdadeira que eu nunca havia conhecido. O Senhor me curou; eu queria a cura física e, em vez disso, o Senhor operou algo maior, a cura do Espírito, de modo que encontrei paz, alegria, serenidade, muita força e muita vontade de viver. Quando terminei de orar, meu coração transbordou de alegria, meus olhos brilharam e meu rosto estava radiante; mesmo estando na mesma condição de sofrimento, eu estava feliz”.

Começou então um novo período para Nino Baglieri e sua família, um período de renascimento marcado em Nino pela redescoberta da fé e do amor pela Palavra de Deus, que ele leu por um ano consecutivo. Ele se abre para os relacionamentos humanos dos quais havia se afastado sem que os outros deixassem de amá-lo.

Um dia Nino, instigado por algumas crianças que estavam próximas a ele e lhe pediram para ajudá-las a fazer um desenho, percebeu que tinha o dom de escrever com a boca: em pouco tempo ele conseguiu escrever muito bem – melhor do que quando escrevia à mão – e isso lhe permitiu objetivar sua própria experiência, tanto na forma muito pessoal de numerosos Cadernos de Diário quanto por meio de poemas e poesias curtas que começou a ler no Rádio. Depois, com a expansão de sua rede de relacionamentos, milhares de cartas, amizades, encontros..., por meio dos quais Nino expressará uma forma particular de apostolado, até o fim de sua vida.

Enquanto isso, ele aprofunda sua jornada espiritual por meio de três diretrizes, que ritmam sua experiência eclesial, em obediência aos encontros que Deus coloca em seu caminho: a proximidade com a Renovação no Espírito Santo; a ligação com a realidade dos Camilianos (Ministros dos Enfermos); o caminho com os Salesianos, tornando-se antes Salesiano Cooperador e depois leigo consagrado no Instituto Secular de Voluntários com Dom Bosco (interpelado pelos delegados do Reitor-Mor, dá também uma contribuição na elaboração do Projeto de Vida dos CDB). Foram os camilianos que lhe propuseram pela primeira vez uma forma de consagração: ela, humanamente falando, parecia captar a natureza específica de sua existência, marcada pelo sofrimento. O lugar de Nino, porém, é na casa de Dom Bosco e ele o

descobre com o tempo, não sem momentos de cansaço, mas sempre confiando naqueles que o guiam e aprendendo a comparar seus próprios desejos com os caminhos pelos quais a Igreja o chama. E enquanto Nino passava pelas etapas de formação e consagração (até sua profissão perpétua em 31 de agosto de 2004), havia muitas vocações – inclusive para o sacerdócio e a vida consagrada para as mulheres – que se inspiraram nele, receberam força e luz.

O Responsável Mundial dos “CDB” se expressa assim sobre o significado da consagração leiga hoje, também vivida por Nino: “Nino Baglieri foi para nós, Voluntários com Dom Bosco, um presente especial do céu: ele é o primeiro de nós, irmãos, que nos mostra o caminho da santidade através de um testemunho humilde, discreto e alegre. Nino realizou plenamente a vocação à secularidade consagrada salesiana e nos ensina que a santidade é possível em todas as condições de vida, mesmo naquelas marcadas pelo encontro com a cruz e o sofrimento. Nino nos recorda que todos podemos vencer n’Aquele que nos dá força: a Cruz que ele tanto amou, como um noivo fiel, foi a ponte pela qual uniu a sua história pessoal de homem à história da salvação; foi o altar no qual celebrou o seu sacrifício de louvor ao Senhor da vida; foi a escada para o paraíso. Animados por seu exemplo, nós também, como Nino, podemos nos tornar capazes de transformar todas as realidades cotidianas como bom fermento, certos de encontrar nele um modelo e um poderoso intercessor junto a Deus”.

Nino, que não pode se mover, é o Nino que, com o tempo, aprende a não fugir, a não se esquivar dos pedidos, e se torna cada vez mais acessível e simples como seu Senhor. Sua cama, seu pequeno quarto ou sua cadeira de rodas são assim transfigurados naquele “altar” onde tantos trazem suas alegrias e tristezas: ele os acolhe, oferece a si mesmo e seus próprios sofrimentos por eles. Nino “presente” é o amigo no qual se pode “descarregar” muitas preocupações e “depositar” os fardos: ele os acolhe com um sorriso, mesmo que em sua vida – guardados em sua reserva – não falem momentos de grande provação moral e espiritual.

Nas cartas, nas reuniões, nas amizades, ele demonstra grande realismo e sempre sabe ser verdadeiro, reconhecendo sua própria pequenez, mas também a grandeza do dom de Deus nele e por meio dele.

Durante um encontro com jovens em Loreto, na presença do Card. Angelo Comastri, ele dirá: “Se algum de vocês está em pecado mortal, está muito pior do que eu!”: é a consciência, toda salesiana, de que é melhor “a morte, mas não os pecados”, e que os verdadeiros amigos devem ser Jesus e Maria, dos quais nunca se deve separar.

O Bispo da Diocese de Noto, Dom Salvador Rumeo, enfatiza que “a divina

aventura de Nino Baglieri nos lembra que a santidade é possível e não pertence aos séculos passados: a santidade é o caminho para chegar ao Coração de Deus. Na vida cristã não há outras soluções. Abraçar a Cruz significa estar com Jesus no período de sofrimento para participar de Sua Luz. E Nino está na Luz de Deus”.

Nino nasceu para o céu em 2 de março de 2007, depois de ter comemorado ininterruptamente o dia 6 de maio (o dia da queda) como o “aniversário da cruz” desde 1982.

Após sua morte, ele foi vestido com macacão e tênis, para que, como ele disse, “em minha última jornada até Deus, eu possa correr em direção a ele”.

O P. João d’Andrea, inspetor dos salesianos da Sicília, nos convida a “... conhecer cada vez melhor a pessoa de Nino e sua mensagem de esperança. Também nós, como Nino, queremos vestir “macacão e tênis” e “correr” no caminho da santidade, o que significa realizar o Sonho de Deus para cada um de nós; um Sonho que cada um de nós é: ser “feliz no tempo e na eternidade”, como escreveu Dom Bosco em sua Carta de Roma, de 10 de maio de 1884”.

Em seu testamento espiritual, Nino nos exorta a “não deixá-lo sem fazer nada”: a sua Causa de Beatificação e Canonização é agora o instrumento disponibilizado pela Igreja para aprender a conhecê-lo e amá-lo cada vez mais, para encontrá-lo como amigo e exemplo no seguimento de Jesus, para recorrer a ele na oração, pedindo-lhe aquelas graças que já chegaram em grande número.

“O testemunho de Nino” – espera o Postulador Geral, P. Pierluigi Cameroni sdb – “pode ser um sinal de esperança para aqueles que estão em provação e dor, e para as novas gerações, para que possam aprender a enfrentar a vida com fé e coragem, sem desanimar e se abater. Nino nos sorri e nos apoia para que, como ele, possamos fazer nossa «corrida» rumo à alegria do céu”.

Por fim, o bispo Dom Rumeo, no final da sessão de encerramento do Inquérito Diocesano, disse: “É uma grande alegria ter alcançado esse marco para Nino e especialmente para a Igreja de Noto. É um convite para trilharmos o caminho da santidade. O caminho da santidade é uma arte difícil porque o coração da santidade é o Evangelho. Ser santo significa aceitar a palavra do Senhor: àquele que lhe bater na face, ofereça também a outra; àquele que lhe pedir a capa, ofereça também a túnica. Isso é santidade! [...] Em um mundo onde o individualismo prevalece, devemos escolher como entendemos a vida: ou escolhemos a recompensa dos homens ou recebemos a recompensa de Deus. Jesus disse isso, ele veio e continua sendo um sinal de contradição porque ele é o divisor de águas, o ano zero. A vinda de Cristo se torna a agulha na balança: ou com ele, ou contra ele. Amar e nos amarmos é a afirmação que deve guiar nossa existência”.

*Roberto Chiaramonte*